

ALFREDO CORTEZ

O OIRO

Ed. de José Camões (dir.)

M^a Leonor Buescu, André Carvalho, Bruno Henriques, Rodrigo Viegas, Sabry Zekry

2017

O OIRO – TRAGÉDIA DA RAÇA
Peça em três actos de Alfredo Cortez

PERSONAGENS

MARIA TERESA, 28 anos

MÓNICA, velha criada da província

PAULO MAIA, médico, 46 anos

JOÃO GONÇALO VAZ, 35 anos

DOMINGOS, enfermeiro

Local e época da acção: arredores de Lisboa. Actualidade.

ACTO PRIMEIRO

Sala de entrada duma pequena casa de campo nos arredores de Lisboa. Duas portas à direita. Duas à esquerda. Outra mais larga, ao fundo, entre duas janelas, e dando para uma varanda de pedra que desce, fora de cena, por escadas laterais, para o jardim. Decoração simples.

Ao subir o pano, Maria Teresa está em cena, sentada junto duma mesa, no primeiro plano, com um livro aberto na mão, caído no regaço. Pouco depois abre-se a porta esquerda ala, dando passagem a Mónica. Esta, que surgiu pé ante pé, fecha de novo a porta com cuidado.

MARIA TERESA (*Acordando duma funda meditação.*) Está sossegado?

MÓNICA (*Secamente.*) Graças a Deus.

MARIA TERESA (*Passado um tempo, levanta-se, vai ao fundo com naturalidade, espreita pela porta esquerda alta, e, muito enervada.*) Abriu as janelas?!

MÓNICA Abri uma, um bocadinho, para se ver.

MARIA TERESA Oh! criatura! (*Entra no quarto. Mónica sacode os ombros com enfado e vai arrumar uma mesa da direita. Marta Teresa aparece de novo, vem junto de Mónica, vê sobre a mesa um livro volumoso, e, pegando-lhe.*) Quem trouxe este livro para aqui?!

MÓNICA (*Secamente.*) Foi a menina, ontem.

MARIA TERESA Eu?!... E ainda não houve tempo para o arrumar?!

MÓNICA Como foi a menina, sabia lá... Isso era bom que a gente adivinhasse o que devia fazer prà menina não ralhar.

MARIA TERESA Nunca me zanguei por ver as coisas nos seus lugares, creio eu. (*Pousa o livro. Mónica pega-lhe e vai arrumá-lo. Maria Teresa tirando-lho.*) Não, Mónica, deixe. Agora não é preciso, muito obrigado. Agora levo-o eu. (*Encaminha-se para a esquerda baixa, e, parando no limiar da porta.*) À mais pequena coisa venha acordar-me.

MÓNICA Sim, menina.

MARIA TERESA Mas à mais pequena coisa. Não se ponha a reflectir, como é seu costume. E não saia desta sala para nada.

MÓNICA *(Que está neste momento a arrumar o mesa do primeiro plano, suspende o arrumação, apenas Maria Teresa desaparece, e, como num desabafo.)* Ufa!... *(Sai logo em seguida pela direita alta. A cena fica um tempo vazia. Paulo Maia, forte de corpo e de espírito, surge na varanda do fundo, espreita pela janela da esquerda, avança até à porta central, que está aberta, bate com os nós dos dedos nos vidros, consulta uma carta que traz na mão, e, como não aparece ninguém, avança até ao primeiro plano. Depois examina rapidamente a sala e volta a consultar, na carta, a direcção que ela lhe indica. Mónica entra de novo em cena, pela porta por onde saiu. Traz na mão uma vassoura, uma pá e um espanador. Vê da porta, com surpresa, o Dr. Paulo Maia, pousa tudo ao canto, atravessa por trás dele e vindo falar-lhe da esquerda.)* O senhor quem procura?

PAULO MAIA A Senhora Dona Maria Teresa. Não mora aqui?

MÓNICA E que lhe queria?

PAULO MAIA Quero falar-lhe. *(Tira o chapéu.)*

MÓNICA Mora ela e mora o meu patrão, o Senhor Gonçalo Vaz. Mas agora não o podem receber. O senhor quem é?

PAULO MAIA Paulo Maia. O doutor Paulo Maia.

MÓNICA Doutor?!... Pois estão recolhidos.

PAULO MAIA Venho de Lisboa e vim de propósito. Tenho a vida muito ocupada. Não posso voltar. *(E indo pousar o chapéu na mesa.)* Previna a senhora, mas só a senhora.

MÓNICA E quer que a acorde?!

PAULO MAIA Evidentemente.

MÓNICA Ai! Isso é que eu não faço.

PAULO MAIA Pois eu não o posso fazer. *(Pega no chapéu.)* Diga-lhe que veio o médico a quem ela escreveu, há dias, para Lisboa. *(Dirige-se para a porta.)*

MÓNICA Foi ao Senhor Doutor que a menina escreveu?

PAULO MAIA No dia dez.

MÓNICA (*Indo pegar-lhe no chapéu.*) Oh! Senhor Doutor! Faça favor de sentar-se. Eu vou chamar a menina. Nem ela está deitada ainda, com certeza, que se recolheu agora mesmo. Sente-se, Senhor Doutor. Eu não sabia que era ao Senhor Doutor que a menina tinha escrito. Nem sequer que era a um médico. Sei lá nada nesta casa!... Eu vou chamá-la, Senhor Doutor. (Olha para a porta esquerda baixo, e prosseguindo.) Ai! Não fazia ideia de como ela tem andado aborrecida por não receber resposta! Mas não esperava a visita de ninguém, não. Esperava carta, pelo correio. Que assim até foi melhor. Não é verdade, Senhor Doutor? Eu vou chamá-la. (*Gesto afirmativo de Paulo Maia. Mónica esboço o movimento, mas voltando logo.*) O Senhor Doutor não lhe diga o que se passou.

PAULO MAIA (*Impaciente.*) Não digo nada. Vá.

MÓNICA Pois vou, sim, Senhor Doutor. Imediatamente... É que ela anda num tal estado! Não há quem a ature. Pega por tudo. Eu, se não fosse a muita afeição ao Senhor Gonçalinho, esse que está doente... O que dizem que está doente.

PAULO MAIA (*Interessado.*) Dizem! Não está?

MÓNICA Tomara a menina a saúde dele... Ai! Senhor Doutor! Não lhe diga nada. Eu vou chamá-la. (*Caminha para a esquerda.*)

PAULO MAIA Não. Não. Ouça. (*Mónica aproxima-se.*) Que é que tem o Senhor João Gonçalo? O que dizem que está doente.

MÓNICA Não tem nada, Senhor Doutor. Deixe falar. Criei-o desde pequenino. Conheço-o bem. Ele teve sempre um génio muito empreendedor e cismático. Coisa que lhe entre na ideia, tem de ser. E depois é também muito ambicioso, que é o que o mata, a ambição. Mas isso não é doença. Nunca foi. Ao passo que ela, a menina... O Senhor me perdoe! Ela é que precisa de se tratar. Pega por tudo. Se o Senhor Doutor a visse para aí... E sempre a ralhar comigo... É um castigo que Deus me deu no fim da vida. (*Limpa uma lágrima.*) Com ele entendo-me eu bem. Como já era criada dos paizinhos, que Deus levou, quando este menino nasceu, respeita-me, respeita-me muito... e tem-me muita amizade. Nunca aquela santa boca se abriu para me ralhar. Nem mesmo quando lhe dá o nervoso. (*Transição.*) Mas o Senhor Doutor sente-se faça favor, que eu vou chamá-la.

PAULO MAIA Compreendeu que quero falar só com a senhora?

MÓNICA Compreendi, sim, Senhor Doutor.

PAULO MAIA Então como vai fazer?

MÓNICA *(Com estranheza.)* Vou chamá-la.

PAULO MAIA Mas... *(Vacila.)* Não estão no mesmo quarto?

MÓNICA Credo, Senhor Doutor! Não são casados. Diz-se isso para aí, diz' E realmente custa a compreender que uma menina traga um homem para casa, sem nenhuma intenção má. Até nisso se percebe que não é como a outra gente! Mas séria, Senhor Doutor, como poucas. O quarto dele é acolá. *(Indica a esquerda alta.)* O dela, aqui. *(Indica a esquerda baixa.)* E nem eu me sujeitava, se o que se diz fosse verdade. Mas veja o Senhor Doutor: uma menina séria, sujeita a murmurações, só pelo seu fraco pensar. Tudo isto p'ra quê, Senhor Doutor?! P'ra quê?!... Que necessidade tinha ela de correr esta má fama?!

PAULO MAIA Quer ser a enfermeira do doente.

MÓNICA Que enfermeira?! Que doente?! Quem a chamou?

PAULO MAIA São primos. Ele não tem outra família...

MÓNICA Não tem?! Eu que sou? Entrei há cinquenta anos para o serviço do Senhor Vaz Velho, avô deste menino. Vi casar os pais. Vi-o nascer. E, se os pais eram doidos por ele, que não viam outra coisa, eu podia pedir-lhes meças, sim senhor, que me custou muitas lágrimas e muitas noites sem dormir! Vi depois morrer tudo, a um e um, que só me ficou este, e nunca precisei de enfermeiras. Com tudo isto ainda não serei da família? Nunca servi outra. Nunca servi mais ninguém, e agora é tarde já para aturar patroa nova. *(Tomou calor, move-se nervosa, e depois mudando de tom.)* O Senhor Doutor desculpe. Eu sou assim. Tenho este génio. Vem-me à boca tudo o que trago no coração. *(Num novo impulso.)* E, já agora, aí vai. Se eu não sou da família, a chorar e a rir com eles, sempre que riam ou choravam, ela é que não tinha nada que fazer ao pé do menino, nem lá para isso de enfermeira, porque são primos, é certo, mas toda a gente sabe que se namoravam, que gostavam um do outro, que estiveram para casar e ... e que ainda pensam em fazê-lo.

PAULO MAIA Bem, bem. Basta.

MÓNICA Ai! Gosto muito de que o Senhor Doutor saiba estas coisas, agora que com certeza vem tratá-lo. E o Senhor Doutor verá se eu sei ou não cuidar dele, e se sou ou não precisa nesta casa, que, por esmola, Senhor Doutor, nunca estive em parte nenhuma, graças a Deus!

PAULO MAIA Pronto. Vá.

MÓNICA Vou, vou, Senhor Doutor. (Depois procurando recordar-se.)
Doutor... doutor....

PAULO MAIA Paulo Maia.

MÓNICA O Senhor Doutor Paulo Maia. *(E como a si mesma, já à porta, para não se esquecer.)* Paulo Maia. *(Entra no quarto, abrindo o porta devagar, depois de ter batido levemente com os dedos.)*

MARIA TERESA *(Surgindo, passado um tempo.)* Oh! Doutor! Que surpresa! Estava já longe de contar consigo. E nem eu lhe pedia para vir. Foi muito amável.

PAULO MAIA Que esperava então que fizesse?

MARIA TERESA Sente-se, doutor. *(Mónica, que voltou à cena logo após Maria Teresa, entretém-se a arrumar coisas, no propósito de ouvir. Maria Teresa percebendo-a e indicando-lhe a vassoura e o espanador.)* Mónica! Leve isso para dentro. *(Depois ao médico.)* Esperava que respondesse à minha carta, sim, e não calcula com que impaciência.

PAULO MAIA Não sei tratar doentes pelo correio, Maria Teresa. Vim e reconheço que fui desastrado, porque vim incomodá-la precisamente quando queria descansar.

MARIA TERESA Nesta casa não há horas para dormir. Dorme-se quando se pode... e se se pode. *(Vendo que Mónica não lhe obedeceu, com mais firmeza.)* Então, Mónica! Leve isso. *(Há um silêncio que se prolonga até a criada desaparecer. E, logo que ela sai.)* Obrigada, meu amigo! Muito obrigada. Fez muito bem em vir, e deixe-me confessar que não me atrevi a pedir-lha, mas que contava absolutamente com a sua visita.

PAULO MAIA E porquê?! Por que não se atreveu?! Por que não havia de chamar-me, se precisava de mim?

MARIA TERESA Não sei. O doutor tem uma larga clínica. Não há o direito de lhe roubar duas ou três horas por dia, para ver um doente fora de Lisboa.

PAULO MAIA (*Risonho.*) Ah. Receava os meus honorários ...

MARIA TERESA (*Rindo também.*) Oh! Não! Que ideia!

PAULO MAIA Nesse caso esqueceu-se de que não faço o menor sacrifício, porque sou um grande amigo de sua casa, um velho amigo de seus pais.

MARIA TERESA (*Subitamente sisuda.*) Disso não me esqueci. Isso, apenas o receio.

PAULO MAIA Que quer dizer?

MARIA TERESA Que a minha chamada – porque, no fundo, a minha carta tinha a intenção de o chamar – queria que o doutor a atendesse por mim.

PAULO MAIA E assim é.

MARIA TERESA Por mim... e pelo doente.

PAULO MAIA Pobre doente! A esse de pouco poderei valer-lhe.

MARIA TERESA Como?!...

PAULO MAIA Sim, Maria Teresa. Não quer, decerto, que eu lhe venha criar ilusões. O seu doente, o que de mais útil poderemos fazer-lhe, é interná-lo numa casa de saúde.

MARIA TERESA Como sabe, se ainda não o viu?!

PAULO MAIA Tem razão. Não vi. Sei em todo o caso que a Maria Teresa, quando partiu para França, o foi encontrar em Santa-Ana; que aí fora metido pela autoridade, depois de vários desatinos, com mostras doentias de impudor; e sei uma coisa pior que tudo: que os médicos franceses diagnosticaram P. G. (*Batendo-lhe suavemente na mão.*) Trata-se, portanto, desgraçadamente, minha boa amiga, dum parálítico geral.

MARIA TERESA (*Levantando-se inquieta.*) A doença fez remissão. Trouxe-o de lá completamente bom.

PAULO MAIA Assim sucede muita vez. É a marcha normal.

MARIA TERESA (Sempre inquieta.) Mas não. É que foi tratado. Cuidadosamente tratado. Não calcula que de depressa se pôs bom.

PAULO MAIA (*Incrédulo.*) Sim. Talvez tenha influído o tratamento.

MARIA TERESA E tratado, de novo, por si. (*Sentando-se agora muito perto do médico*) com o carinho que eu sei que vai dedicar-lhe, bom ficará outra vez, rapidamente.

PAULO MAIA Veremos, depois de internado.

MARIA TERESA (*Erguendo o busto, que inclinara muito sobre Paulo Maia.*) Internado?!... (*Pequena pausa. Transição.*) Nós vivemos realmente muito longe. Mas... não precisará de o ver todos os dias, não é verdade?

PAULO MAIA Todos os dias. Hei-de vê-lo lá todos os dias. Vou tratar-lho com toda a minha dedicação profissional e pessoal, verá. E recomendarei no manicómio...

MARIA TERESA (*Erguendo-se irritada.*) Oh! No manicómio... Na casa de saúde... É uma obsessão! E trata-se dum doente que nem sequer conhece ainda! Por que não há-de ser aqui?!

PAULO MAIA (*Erguendo-se também.*) Porque estas coisas são positivas. Não comportam caprichos, nem fantasias. (*E já ao pé dela.*) Não se zangue por lhe falar assim, minha boa amiga. Olhe que venho movido por uma boa estima. Venho em missão de amizade.

MARIA TERESA (*Sisuda.*) E... e enviado por quem?

PAULO MAIA (*Com estranheza.*) Chamado pela sua carta.

MARIA TERESA (*Com um enervamento crescente.*) Que mostrou primeiro a meu pai, com quem traçou o plano, não é verdade?

PAULO MAIA Oh! Maria Teresa!

MARIA TERESA (*Mais enervada ainda.*) Pareceu-lhes o momento oportuno. É claro. Eu escrevia, pedia socorro... Estava, portanto, na altura de me render. O Gonçalo alijava-se para um manicómio, e a filha insubmissa regressava à casa paterna.

PAULO MAIA (*Risonhamente.*) Maria Teresa! Que estranha atitude! Está quase agressiva! É a primeira vez que a vejo assim, comigo. (*Pequena pausa e aproximando-se.*) Então, Maria Teresa!... (*Esta,*

enervada, não responde. Ele, carregando a sobancelha.) Oh!... (Nova ligeira pausa.) Afirmo-lhe que estaria arrependido, se não viesse, como vim, por desejo seu. porque é do que se trata, afinal. Chamaram-me, chamou-me a Maria Teresa, chamou-me, portanto, alguém que eu considero e de quem sou amigo, e, embora pudesse escudar-me na... *(Com ar depreciativo)* na minha larga clínica, como a Maria Teresa disse há pouco, ponho de parte razões insignificantes e corro ao seu chamamento, desejoso de lhe ser útil. Afinal parece que não fiz bem.

MARIA TERESA *(Seco.)* É o doutor quem sabe se fez bem ou mal. *(Transição.)* Mas no que fez mal, com certeza, foi em não reduzir tudo o que disse a estas palavras: - não é verdade.

PAULO MAIA *(Com falsa estranheza.)* Não é verdade o quê?!...

MARIA TERESA *(Quase numa súplica.)* Não é verdade que as minhas suspeitas tenham o menor fundamento. Diga que não é.

PAULO MAIA Valha-a Deus, minha boa amiga!

MARIA TERESA *(Com grande surpresa.)* Só isso?!... *(Transição.)* Tem razão, sim. É quanto basta para eu não suspeitar, para ter agora a certeza de que não foi o médico quem abandonou a clínica para acorrer pressuroso *(Irónica)*, ao fim de oito dias, ao meu chamamento. *(Encarando-o.)* Foi o amigo dos meus pais que, depois de demoradamente combinado com eles, veio utilizar a sua autoridade profissional, impô-la, quase, para me arrancar dos braços um doente querido, com o fim único de me fazer voltar a casa, a casa deles, à casa que eu abandonei com o direito incontestável da minha maioridade.

PAULO MAIA *(Depois dum tempo.)* Não há dúvida. Fiz mal em vir.

MARIA TERESA *(Passando ao outro lado da cena.)* Parece que sim, doutor.

PAULO MAIA *(Sisudo, fleumático, vai buscar o chapéu e baixando-lhe a cabeça.)* Está bem, Maria Teresa! Desculpe.

MARIA TERESA *(Aprumada, deixa-o seguir até ao fundo, e quando ele vai a transpor a porta, numa angústia.)* Doutor! Não se vá embora!... *(Cai em crise de choro, numa cadeira.)*

PAULO MAIA *(Olho-a do fundo, pousa o chapéu, põe-lhe o mão na testa, estranha a temperatura, e, por fim, tomando-lhe o pulso.)* Ai! que estes nervitos não estão nada bons!

MARIA TERESA (*Retirando o pulso nervosamente e muito consumida.*) Deixem-me! Deixem-me!... (*Passa ao outro lado da ceno e senta-se de costas para ele.*)

PAULO MAIA (*Depois de o olhar um momento, com a maior paciência.*) Pois sim, Maria Teresa! Eu farei o que quiser, logo que perceba o que quer. (*Caminhando para ela.*) Que me vá embora, não é? Disse-mo agora mesmo. Que fique, também não, porque pede que a deixem. Enfim! Serene um bocadinho e havemos de entender-nos. (*Está junto da mesa central, pega num livro e põe-se a folheá-lo.*)

MARIA TERESA (*Passado um tempo limpa as lágrimas e numa longo transição.*) Desculpe, doutor. Ando fora de mim. Estou intratável. Intratável, sim, confesso... Mas... (*Com vivacidade.*) Mas confesse-me também que tive razão no que supus. Mandaram-no cá, não foi? Queria levar-me, não é? Foi por isso, só por isso, que o doutor disse que o Gonçalo carece de ser isolado, de sair de ao pé de mim?!...

PAULO MAIA Do Gonçalo falaremos depois. Necesito primeiro de o ver. Quanto a si, Maria Teresa... Suponha que, comovido, realmente, com a amargura dos seus pais, e impressionado com a situação em que a encontro, me lembrava de a reconciliar com eles. Era mal?

MARIA TERESA (*Vitoriosa.*) Foram eles, portanto!

PAULO MAIA Formulei-lhe apenas a hipótese de me ter lembrado eu de o fazer.

MARIA TERESA (*Comovida e como a si mesma.*) Foram eles!

PAULO MAIA (*Aproximando-se mais.*) E, se fossem?

MARIA TERESA (*Contendo mal o choro.*) Pobres pais!

PAULO MAIA Vê que não é tão má como parece?

MARIA TERESA Sou horrível!...(Transição. Mansamente.) Como foi?... Procurou-os logo que lhe escrevi, não é verdade? O meu pai... (*Transição brusca.*) desfiou logo contra mim o rosário das suas acusações.... que os deixei. Que parti só, como uma doida, para França, à busca dum homem, do meu noivo, do noivo com quem antes não queria casar... E que vivemos juntos, na mesma casa... escandalosamente...

PAULO MAIA (*Sempre sereno.*) Não têm razão?

MARIA TERESA (*Imitado.*) Devem ter.

PAULO MAIA Pois não é certo, Maria Teresa? Então enquanto este rapaz era sadio, os seus pais lembram-se de a casar com ele e encontram em si a maior oposição, e é só quando o vê inutilizado que a Maria Teresa se obstina em curá-lo e em fazer dele o seu marido!...

MARIA TERESA (*Sobranceira.*) Eu sei que eles contam assim a história da menina caprichosa. O que não contam, é que nos namoramos, espontaneamente, desde muito novos. Que o Gonçalo era rico – mais rico do que eu. Que os seus pais decaíram em fortuna, e logo os meus resolveram afastar-nos. Que o Gonçalo, desgostoso e vexado, partiu para a América – contra vontade minha, note, porque eu teria casado. Que lá enriqueceu de novo, fabulosamente, chegando a ser o primeiro sócio duma larga exploração de minas de oiro, e que nunca mais, depois disso, na minha casa, deixou de se falar no Gonçalo, no primo Gonçalo, nas virtudes e qualidades do João Gonçalo!... Que esta apologia... indecorosa, era o prato obrigado de todas as refeições, o motivo de todas as palestras junto de mim. Que o Gonçalo voltou, e logo as portas da minha casa se abriram de par em par e sem pudor... Chegava o meu noivo! O meu marido! O único homem de quem eu tinha gostado!... (*Transição.*) Isto não lho contaram, não, doutor? Pois conto-lhe eu. Quero que o saiba. São pormenores importantes. Compreende?

PAULO MAIA (*Frouxamente.*) Sim. Compreendo que não casasse; e compreendo sobretudo que fez bem, porque trazer dinheiro não basta. E ele não trazia saúde.

MARIA TERESA Vinha profundamente neurastenizado. Um último conflito com os sócios esgotara-o. pôs demasiada energia na luta. Mas o que me tortura, o que me dói, é a certeza de que nunca o seu estado chegaria onde chegou, se eu o recebesse melhor!...

PAULO MAIA Não tenha remorsos. Ele já vinha condenado de longe.

MARIA TERESA (*Surpreendida.*) Como sabe?!

PAULO MAIA Os desgostos, as contrariedades, as graves apoquentações podem, no caso de que se trata, precipitar os acontecimentos, mas não são o mal da origem.

MARIA TERESA (*Falando a medo.*) Qual é o mal da origem?...

PAULO MAIA Não sei. Veremos. O que é preciso, em primeiro lugar, é pô-lo em condições de tratamento, e libertá-la a si deste flagelo...

MARIA TERESA (*Irritada.*) Doutor! Não insista mais.

PAULO MAIA (*Enérgico.*) Insisto, sim, minha amiga! E agora mais do que nunca, depois de ver o que é a sua vida aqui dentro.

MARIA TERESA Pois força-me a confessar-lhe que, ainda que a situação do Gonçalo, ao pé de mim, se tornasse insustentável (*Mais forte.*), ainda que mo levassem, não voltava para casa dos meus pais.

PAULO MAIA É assim tão... caprichosa a situação que criou com eles?!

MARIA TERESA É assim tão séria e tão grave a situação que criei com eles.

PAULO MAIA Prefere deixá-los morrer na agonia da sua falta?

MARIA TERESA Desgraçadamente prefiro.

PAULO MAIA (*Repreensivo.*) Porque olharam duma maneira prática para o seu futuro, não é? Porque, extremosos, como são, consigo, fizeram o que tinham afazer, afinal, o que todos os pais têm a fazer – temperar os impulsos afectivos dos filhos para que a queda dos sonhos e dos devaneios não surja mais tarde, por forma irreparável? Mas não vê que fizeram. o que deviam, e que a Maria Teresa, procedendo como procede, é que se recusa a cumprir o seu dever?

MARIA TERESA É esse realmente o princípio do conflito. Eu nunca soube o que era um dever.

PAULO MAIA Como?!

MARIA TERESA Nunca! Desde que os meus olhos vêem com lucidez, recordo-me de ver os meus pais de joelhos em volta de mim, à busca de qualquer coisa mais que me fizessem, de qualquer coisa mais que me faltasse.

PAULO MAIA Está bem. Se é só disso que se queixa.

MARIA TERESA (*Como sem o ouvir.*) Nunca soube o que era uma contrariedade, nunca, aos meus ouvidos, soou uma voz firme, nunca pessoa alguma ousou erguer-se entre mim e o que eu pretendia fazer... salvo o caso do meu casamento. Até aí tudo eram mimos e brincos. A minha vontade galopava à solta, sem uma peia, sem

nada de salutar que a obrigasse. Ao contrário. Era a minha voz que se erguia e os fazia recuar. Falavam a medo diante de mim...
(*Pequena pausa. Aproximando-se.*) É triste, não é, doutor?

PAULO MAIA É amor excessivo, sim. Mas é amor, afinal.

MARIA TERESA Será. O que não compreendo é que me peçam agora submissão, humildade, obediência, qualidades que ninguém me soube inculcar. Com que direito, e é triste dizê-lo, com que respeitabilidade nasce de surpresa, diante duma filha, pela primeira vez aos 28 anos, a autoridade dum pai que levou 28 anos a ensiná-la a ser insubmissa?! Quem me ensina hoje a obedecer?!

PAULO MAIA (*No fundo com um pouco de desdém.*) A sua religião. Aí está um argumento que nunca julguei utilizar com lógica, mas que para si deve ser convincente. A Maria Teresa não é religiosa?

MARIA TERESA Se sou!... É à religião, só a ela, que devo todas as noções do bem que encontrei na vida.

PAULO MAIA Claro. Com a virtude da sua casa, com a honradez dos seus pais, com o amor sagrado que os une e que eles somaram no amor muito maior com que lhe querem a si, Maria Teresa, com isso não aprendeu nada, não é verdade?

MARIA TERESA Nada... ou quase nada.

PAULO MAIA Maria Teresa! Caia em si! Sabe lá o que está a dizer!...

MARIA TERESA Prouvera a Deus que não soubesse.

PAULO MAIA Oh!... (*Pequena pausa. Noutra tom.*) Perdoe-me que não continue. Consigo nem posso zangar-me, e sou suficientemente amigo deles para nem a uma filha perdoar tão grave injustiça. (*Maria Teresa que o ouviu sentada, de queixo apoiado na mão e olhos cerrados, queda em silêncio. Ele, passado um tempo.*) Que os acuse de excessos, compreendo. Compreendo e sou talvez mais sincero dizendo que concordo. Mas não lhe neguemos todas as grandes qualidades que os tornam respeitados e queridos de quantos os conhecem e figuras que se impõem na sociedade a que pertencem.

MARIA TERESA A sociedade a que pertencem tem muitas poucas exigências.

PAULO MAIA (*Risonho.*) Tem uma que me parece importante - a da seriedade, não é?

MARIA TERESA Tem apenas, como eles, a do dinheiro.

PAULO MAIA Sim. Também. A do dinheiro, é claro. Ou considera, a minha querida bolchevista, um crime grave ser rico?

MARIA TERESA Considero um grave crime ser sordidamente rico.

PAULO MAIA Aí está um palavrão que, no fundo, significa: ser económico, pensar no futuro (*marcando bem*), e especialmente no dos filhos, defendê-los de eventualidades, restringindo a vida no mínimo, pela consciência de que o máximo é morrer tranquilo, morrermos certos e seguros que deixamos bem os que de nós nasceram e que por nossa ficam neste mundo. É o dever de todos os pais, e é, especialmente, dos que têm uma filha única, dos que sentem o pavor de deixar cá em quando baixam à terra, sem amparo, sem protecção, sem condições de uma senhora só, uma mulher.

MARIA TERESA E porque não pensaram de preferência em deixar-lhes tudo isso que lhes falta?

PAULO MAIA O quê?!

MARIA TERESA Uma família larga, para que não fiquem sozinhas; condições de luta, para que saibam defender-se; força e, mais que tudo, acção moral, para que estendam essa protecção a quantos dela necessitarem. Que perdão podem ter pais que se contentarem com um filho único, e fazem dele, como os meus fizeram de mim, uma flor de estufa, caprichosa e inútil?!...

PAULO MAIA Minha filha! Já galopamos no campo das teorias.

MARIA TERESA Mas veja a prática. Tem-na diante de si, escancarada aos seus olhos. Sou rica e não sei utilizar a minha fortuna, tenho vontade, mas uma vontade indisciplinada, que não governo, que não consigo dirigir, e que faz que resulte disparate tudo quanto executo na melhor das intenções. Anseio por um irmão, uma alma igual à minha, que me ouça, que me aconselhe, que me faça ver o mal das coisas que se praticam por bem, e sinto-me só, inteiramente só, num mundo cheio de gente. (*Comove-se.*)

PAULO MAIA (*Carinhoso.*) Então, Maria Teresa!...

MARIA TERESA (*Dominando o choro e enérgica.*) Roubaram-me! Roubaram-me! Foi isso o que eles me roubaram – um irmão, uma família de irmãos, que surgisse comigo na terra, num grupo forte, unido, ao lado do qual aprendesse, desde o berço, que a vida é o esforço

sagrado de cada um por si e pelos seus, uma luta permanente, ao som de clarins, e não um baixo comodismo a chocalhar dinheiro! Isto nunca o perdorei. Não o posso perdoar.

PAULO MAIA Que culpa têm? Segredos da natureza.

MARIA TERESA (*Rancorosa.*) Misérias torpes dos homens!

PAULO MAIA Como?!... Atreve-se?!... Oh!

MARIA TERESA (*Passado um tempo, vindo junto dele.*) Um filho único, nascido por casualidade, logo no primeiro ano do casamento, devia ser coisa quase tão rara como ser cego ou coxo de nascença não é verdade, doutor?

PAULO MAIA Sim. Mas há coxos e cegos de nascença, como há filhos únicos nessas condições, nascidos de pessoas desoladas por não terem mais. Não se pode, por isso, concluir...

MARIA TERESA Não concluo. Sei.

PAULO MAIA Maria Teresa!...

MARIA TERESA (*Dolorosamente.*) Sei. Surpreendi-o numa conversa... alegre! De minha mãe com amigas ... Amigas das da sociedade onde vivem todos muito respeitados!... E havia acordo. Argumentava-se com lógica. As dificuldades da vida... os inconvenientes de dividir a herança... Que miséria!... (*Pausa. Transição.*) Pois julgava, doutor, que eu pudesse querer assim tão pouco bem aos meus pais, sem um motivo extremamente grave?! Porquê?! Por me terem educado com demasiado mimo?... Não. Isso são simples consequências. Só um grande lar, cheio de filhos, obriga os pais a proceder com rigor e com firmeza. São esses filhos mesmos, pelo seu número, que determinam a necessidade da disciplina. São eles quem desenvolve o poder educativo. Ser pai dum filho só é inevitavelmente ser escravo.

PAULO MAIA (*Depois duma reflexão.*) Maria Teresa! Eu não pretendo

MARIA TERESA (*Cortando rápido.*) Ah! Não! Não os defenda!

PAULO MAIA Não é bem defender. É, quando muito, localizar diversamente a culpa.

MARIA TERESA A culpa é sempre de quem procede mal.

PAULO MAIA Ou do ambiente que o determina. Li algures esta estupenda verdade: – Hoje, para ser pai duma família numerosa, é necessário ser parvo... ou ser santo.

MARIA TERESA (*Contendo mal a sua indignação.*) Assim deve ser, porque os muito espertos, os finos, nisso, como em tudo, conhecem bem o teclado da falcatura. Sabem furtar-se à responsabilidade de todos os deveres incómodos. Fez bem, por isso, em chamar ao que disse uma estupenda verdade. E quer ver agora que contrária à sua é a doutrina dos livros que tenho lido?

PAULO MAIA (Num protesto) À minha?!

MARIA TERESA À dos livros que o senhor lê. (*Pausa. Noutra tom.*) «Crescei, multiplicai-vos e enchei a Terra». Não precisava de ler mais nada para saber que todo aquele que recebeu a vida e que se casa tem o dever sagrado de a transmitir. É um simples fenómeno de restituição. Os mesquinhos, os gananciosos, cometem a mais vil das avarezas aferrolhando em si, e recusando-se a perpetuar em toda a sua plenitude este bem esplendoroso que se chama-Vida!... Casar é constituir um lar, não é abrir um jazigo. Que lastimáveis são os homens que tremem e vacilam ante a glória suprema de ser pai! Mas mais criminosos são, para mim, os que se embuscam à espreita do primeiro filho, e, julgando-se eternizados num rebento, dizem às fontes da vida: suspendei! Miseráveis! Miseráveis! Não vêem, não compreendem que a família numerosa é a família da fé, como a pequena família é a família do cálculo! Que a primeira é a família dos corajosos, como a segunda é a família dos cobardes! Que uma é a actividade fecundante, a alegria plena enquanto a outra é a morte permanente, uma lenta decomposição do laço conjugal! Como podem homens recorrer a artificios e torpezas tão mesquinhos?!... Parecem empenhados em justificar, eles próprios, que, havendo pais que se afligem com o nascimento dos filhos, haja filhos que se alegrem com a morte dos pais! E há, por castigo de Deus, quem sabe?!... (*Transição.*) Aqui tem o que me ensinam os meus livros.

PAULO MAIA Mas parece que estamos em desacordo. E não. Eu considero apenas uma circunstância atenuante, as exigências da vida. Ser pai é criar responsabilidades de educação, de desenvolvimento, de alimentação, que constituem um problema muito grave. Evitar essas responsabilidades é criminoso? Evidentemente. Mas não devemos olhar com benevolência os que se intimidam perante o risco de não cumprir, ou de cumprir mal?

MARIA TERESA (*Olhando-o com severidade.*) Podia responde-lhe que os meus pais são ricos. Não quero. Era restringir aos ricos o cumprimento do dever de todos. Prefiro fazê-lo doutra forma. (*Vai à direita alta e chamando paro dentro.*) Mónica! (*Um tempo.*) Mónica!... Venha cá. (*Volta ao primeiro ptano.*) Prefiro responder assim.

MÓNICA (*Entrando mal-humorada.*) Chamou?!

MARIA TERESA (*Com bom modo.*) Chamei, sim. Diga aqui ao senhor doutor quantos irmãos teve, Mónica.

MÓNICA (*Esgaçando um sorriso.*) Ai! Era o poder do mundo! Quando eu saí de casa ficaram dois, a amanhar as terras, pra sustentar os velhos. Na África tínhamos um, outro no Brasil, que está hoje muito bem. Morreram três; casaram outros três – as cachopas; eu vim servir de pequenina... e quando o meu pai findou – Deus lhe fale na alma – disse, aos que lhe assistiram, que morria feliz porque deixava o seu sangue a labutar nas duas metades do mundo. (*Transição.*) Porquê, menina?

MARIA TERESA (*Estreitando-lhe a cabeça ao peito, comovida.*) Por nada (*Beija-a na testa.*)

MÓNICA Oh!... (*Comove-se também. Quer beijar-lhe a mão. Depois vindo ao médico, a limpar as lágrimas.*) Tirante o génio, é muito boa menina!... (*Há um longo silêncio comovido.*)

GONÇALO (*Chamando, num grito, de dentro do quarto.*) Maria!... (*Surge à porta esquerda alta. É uma figura alegre, radiosa, marcando em exuberância e em beleza o seu estado mórbido, que está longe de oferecer o menor aspecto repugnante ou confrangedor. Vem em pijama fortemente colorido, a cabeça revoltado em coracóis, bonito. Sente-se mais que sadio. Vê a vida com o maior optimismo. Confia plenamente em si e no obra que tem a realizar. Ligeiras perturbações da palavra, muito ligeiros, oqui e além hesitações, empastamentos, mas só nas palavras que muito o justificarem. Mal surge à porta chama de novo.*) Maria! ... (*Vendo-a, corre para ela, sem atentar em Paulo Maia. Abraça-a, ri feliz e falando com muita loquacidade.*) Vi-os! Tenho-os! São meus!... Milhões e remilhões de montes de oiro!... Meus só! Só meus! Só meus!... Ah! ah!... (*Ri, estreita-a mais ao peito. Depois, levando-a e indo sentar-se com ela a um dos lados da cena.*) Vem cá, Maria.

MÓNICA (*Ao médico, em tom confidencial.*) E de sonhar.

- GONÇALO (*Chamando os outros.*) Venham. Venham... (Mónica aproxima-se um pouco. Paulo Maia fica imóvel onde estava, a observá-lo com atenção.) Não me resta a mais pequena dúvida sobre a minha maravilhosa descoberta. Ouro! Ouro puro! Biliões de toneladas de ouro fino alagarão a Terra! Hei-de afogar a humanidade em ouro! (*A Maria.*) Mas que ninguém o saiba, hã!... (*Levantando-se e falando a Mónica.*) Ninguém! (*Depois a Paulo Maia.*) Ninguém! (*Voltando a Mónica e Maria.*) Deus, que todos os dias dobra, redobra e tresdobra as minhas faculdades, permitiu-me desvendar o espaço. Ultrapassei o Além! Já não há mistérios para mim. Toquei os astros! Enfrentei o Sol!... (*Numa grande inquietação, para em frente de Paulo Maia.*) É todo de ouro. Ouro subtil, maleável, incomparavelmente mais luminoso que o da Terra! Ouro solar!... Duma tamanha ductilidade que poderei batê-lo em placas translúcidas (*A Maria Teresa.*) ou tecê-lo em fios de seda, esvoaçantes como véus. Em bloco construirei com ele sumptuosos palácios de ouro (*A Paulo Maia.*) que constituirão a felicidade máxima dos homens. Com eles... (*Suspende de súbito. Estranhou a figura. Vindo a Maria Teresa e em voz baixa.*) Quem é?!
- MARIA TERESA (*Vacilante.*) O... O Senhor Maia, capitalista, que chamei para que conheça os teus projectos... Interessa-se... (*Contrafeita.*) Está disposto a financiá-los.
- MÓNICA (*Num pasmo.*) Nossa Senhora!... (*Sai enfadada pela direita alta.*)
- PAULO MAIA Sim. Interesse. Desejo falar consigo. Mas diga-me primeiro: sente-se já em condições de trabalhar?
- GONÇALO (*Surpreendido.*) Eu?!...
- PAULO MAIA (*Sempre em atitude profissional.*) Ouvei dizer que regressou a Portugal muito doente.
- GONÇALO Gozo a mais perfeita saúde do Universo! Nunca me senti tão bem. Se alguma coisa me incomoda é o ver-me de braços cruzados, tendo uma obra tão grande a realizar.
- PAULO MAIA E está seguro da sua obra?
- GONÇALO Torrentes de ouro arrasarão a Terra! (*Pronunciou com dificuldade.*)
- PAULO MAIA (*Notando-lha.*) Como?

- GONÇALO *Tor...rentes de ouro arr... r... (Não consegue repetir. Irrita-se e passando à frente.)* Hei-de afogar a humanidade em ouro! Milhões de biliões de toneladas de ouro!... Eu as extrairei do Sol... *(Mais baixo, confidencialmente.)* que é todo de ouro, como a Lua é de platina, líquida, fria... Ainda trago as mãos geladas! Veja.
- PAULO MAIA As mãos?... Sim, sim. Deixe-me ver as suas mãos. Estenda o braço. *(Observa-lhe o trémulo dos dedos. Gonçalo Vaz passou a obedecer, desconfiado. Paulo Maia põe-lhe o braço para baixo e examina-lhe as pupilas. Depois tirando da carteira papel e pena.)* Escreva aqui o seu nome.
- GONÇALO *(Obedece sempre e sempre desconfiado. E, enquanto o médico examina a assinatura, que guarda no carteira, vindo ao pé de Maria Teresa e em tom mais baixo.)* É médico?
- PAULO MAIA *(Que ouviu.)* Não venho nessa qualidade. Observo-o porque preciso de conhecer as suas faculdades de trabalho, agora que vamos meter-nos numa empresa tão importante.
- GONÇALO *(Enervado.)* Estou bom. Estou ótimo. Maria! Diz-lhe que nunca me senti tão bem.
- MARIA TERESA Decerto.
- GONÇALO *(Numa inquietação crescente.)* Não. Não careço de nada. Não careço de nada.
- PAULO MAIA Nem para a realização dos seus projetos? Já não precisa de mim?
- GONÇALO Veremos depois. Eu mandarei dizer *(Despedindo-o.)* Boa-tarde.
- PAULO MAIA E...
- GONÇALO *(Destemperadamente.)* E quê?!
- PAULO MAIA *(Com a maior naturalidade.)* Nada. Não quero irritá-lo. Amanhã passarei por cá.
- GONÇALO *(Fora de si. Consumido.)* Mas para quê?! Porquê?!... Não é necessário. Eu lhe escreverei. *(Move-se inquieto na direção da porta do fundo e volta.)*
- PAULO MAIA Está bem. Eu saio. *(Despede-se de Maria Teresa, trocando com ela um olhar expressivo, enquanto Gonçalo, inquieto, voltou ao fundo, e sai, despedindo-se do doente ao passar na porta.)*

GONÇALO (*Apenas o médico desaparece.*) Maria! Não quero mais este homem nesta casa.

MARIA TERESA Porquê?!

GONÇALO (*Sempre muito nervoso.*) Não quero. Não quero. Vais prometer-me que nunca mais o deixas aqui entrar.

MARIA TERESA Foi por teu bem que o chamei, João.

GONÇALO (*Irritadíssimo.*) Não. Não quero. (*Vai fechar o porta de fundo.*) Não careço de ninguém. (*Voltando a ela.*) Basto-me inteiramente. Eu, só, arrancarei do espaço as riquezas maravilhosas que ele oculta aos olhos dos mortais, mas que os meus viram! (*Abraça-o e muito contente.*) Porque as vi, Maria. Milhões de maravilhas encheram os meus grandes olhos esgazeados! Que dó me fazem os sábios (*Ri.*), que consomem vidas a perscrutar a altura (*Ri.*) e nada descobrem! E nada sabem!... (*Ri mais.*) Sapientíssimos doutores!... Só Deus e eu temos a omnividência poderosa que translucida todos os mistérios! Para além do manto azul, que museu de sumptuária grandioso! Hás-de reinar, num trono de esmeraldas, rainha das rainhas! Tu, a mais bela, serás a mais poderosa! (*Alucinando-se de novo.*) Mas esse homem, não. (*Indo fechar as vidraças duma das janelas.*) Não, não, Maria! Não o quero mais cá.

MARIA TERESA (*Seguindo-o aflita.*) Está bem. Sossega.

GONÇALO (*Exaltadíssimo e indo fechar a outra janela.*) Não o quero mais cá!

MARIA TERESA (*Seguindo-o sempre.*) Está bem, João.

GONÇALO (*Estacando diante dela, serena de súbito e abraçando-a.*) – Diz-me que crês em mim, na minha força! Diz, diz, amor! Há no mundo alegria igual à minha?!...

MARIA TERESA (*Morde o beijo, comove-se e em voz sumida.*) Não.

GONÇALO (*Mais alto. Radiante.*) Há no mundo poder igual ao meu?!...

MARIA TERESA (*Mesmo jogo.*) Não.

GONÇALO (*Mais alto ainda.*) Há no mundo fortuna igual à minha?!.. (*Maria Teresa faz um gesto negativo, muito comovida, e sem poder já*

*articular o menor som. Ele, insistindo.) Mas diz-mo, diz-mo!
Quero ouvi-lo da tua linda boca.*

MARIA TERESA *(Num esforço.) És muito rico, sim... meu pobre amor! (Cai o
chorar convulsivamente no peito de Gonçalo, enquanto este,
numa exclamação de alegria, ri felicíssimo, estreitando-a muito.)*

PANO.

ACTO SEGUNDO

O mesmo cenário. A mesma disposição em tudo. É de manhã.

Ao subir o pano estão em cena Domingos, enfermeiro, figura forte e robusta, e Paulo Maia. Domingos, junto da mesa central, experimente uma seringa de injeções, examina a agulha, abre uma caixa de ampolas, prepara tudo, enfim, para uma injeção de morfina. Paulo Maia, perto dele, segue-lhe os movimentos.

PAULO MAIA *(pegando na agulha.)* Não trouxe uma agulha mais fina?

DOMINGOS É a mais fina que tínhamos. *(E dirigindo-se logo a Mónica, que sai neste momento do quarto do doente.)* Dá-me o álcool que lhe pedi?

MÓNICA Já aí está. *(Indica-lhe uma garrafa pousada a um lado da mesa. Domingos ferve a agulha e a seringa na própria tampa da caixa. Mónica, entretanto, ao Dr. Maia.)* Agora parece que ficou um bocadinho mais sossegado. *(Paulo Maia, entretido, não a atende.)* Se continuar assim, talvez não precise disso. *(Pausa.)* E deve doer tanto!... Isso vai afligi-lo mais, Senhor Doutor. *(Pausa demorada.)* Os senhores lá sabem, mas, se for preciso ajudar, não contem comigo. Eu, para essas coisas, não sirvo. Chama-se o Manuel Casimiro, o que foi esta manhã a casa do Senhor Doutor, que é muito animoso. Animoso e destemido. E foi quem nos valeu esta noite. Se não fosse ele, quem é que segurava o menino?!... *(Um tempo.)* Nossa Senhora! Que noite!... Nunca o tinha visto assim ... *(Comovendo-se.)* Nem futurei nunca, quando o trazia ao colo, em pequenino, que ele me estivesse talhado para uma sorte tão negra. *(Chora, assoa-se e limpa as lágrimas. Longa pausa.)* O Senhor Doutor já sabe como foi, não sabe?

PAULO MAIA *(Distraído.)* Mais ou menos. *(E, noutro tom, ao enfermeiro, que concluía a desinfecção.)* Veja se consegue fazer a picada sem eu aparecer. A minha presença irrita-o.

DOMINGOS *(Seguro de si.)* Consigo, sim, Senhor Doutor. *(Sai pela esquerda alta.)*

MÓNICA *(Vendo-o sair.)* Meu rico menino!... *(Chora.)*

PAULO MAIA *(Enfadado com o choro.)* Ai! Ai! Ai! Senhora Mónica! Nós podíamos talvez levar esta coisa ao fim com menos choros. Ora experimente. *(Senta-se, tira um cigarro e acende-o.)*

MÓNICA Meu rico menino!...

PAULO MAIA Olhe. Diga-me antes tudo isso que estava a dizer.

MÓNICA *(Limpendo os olhos.)* O quê, Senhor Doutor?

PAULO MAIA O que estava a contar. Não sei, mas é preferível. Diga.

MÓNICA *(Recordando-se.)* Ah!... *(Transição. Ar narrativo entrecortado por soluços.)* Seriam umas três horas da manhã. Eu estava a dormir, e acordei ao som duns grandes clamores. Era o menino – o Senhor Gonçalo. Vim de corrida e encontrei-o aqui, com a senhora. Ela queria fazê-lo sossegar, mas quê?!... Não ouvia o que lhe diziam, nem dava por ninguém. Era como se estivesse sozinho, naquela batalhação... Ora ele não ficou bom desde ontem. E tenho para mim que foi de o enganarem. Se a menina lhe dissesse logo que o Senhor Doutor era doutor, nem ficava desconfiado, nem nada disto acontecia.

PAULO MAIA Vinha a acontecer o mesmo, por outro motivo qualquer.

MÓNICA *(Incrédula.)* Ora, Senhor Doutor!...

PAULO MAIA *(Rindo e encolhendo os ombros.)* Pois não. Está bem. Adiante. E depois?

MÓNICA Depois, foi então a essa hora, às três, que aquela aflição lhe carregou mais, e queria rasgar tudo, e partir tudo...

PAULO MAIA Foi sorte não lhe dar para pior. Não tentou agredir ninguém?

MÓNICA Credo! Não!... Quem havia ele de agredir?!

PAULO MAIA *(Depois duma pausa.)* Tiveram sorte. *(Noutro tom.)* E como se portou a senhora nessa batalha?

MÓNICA Ah! Falava-lhe ainda mais alto e levantava-se diante dele, que foi o que salvou tudo isto. *(Indica os móveis.)* Depois mandou-me à quinta acordar o Caseiro, que ficou aqui connosco até serem horas de ir chamar o Senhor Doutor e, entretanto, lá o fomos convencendo, lá o levámos... o fizemos sossegar um bocadinho.

PAULO MAIA *(Levantando-se ao ver entrar Domingos pela esquerda, alta.)* Pois foram muito felizes, repito. *(Caminhando para o enfermeiro.)* Pronto? *(O enfermeiro responde que sim num murmúrio. Ele,*

pegando na seringa.) Deixe ver. Volte para ao pé do doente e previna-me logo que a injeção produza efeito.

DOMINGOS Sim, Senhor Doutor. *(Sai.)*

MÓNICA *(A Paulo Maia.)* Não lhe doeria muito?

PAULO MAIA *(Sacudido.)* Não. Não dói nada.

MÓNICA *(Sempre incrédula.)* Ai! não!

PAULO MAIA *(Vindo ao pé dela.)* Ora diga-me, Senhora Mónica: custava-lhe ir um bocado para ao pé do seu menino?...

MÓNICA *(Concluindo a frase.)* Para a senhora descansar, que tem lá estado constantemente? Eu vou, eu vou, Senhor Doutor.

PAULO MAIA Muito bem. *(Mónica dirige-se ao quarto. Paulo Maia caminha para a mesa, separa o agulha da seringa, e guarda tudo no estojo, passado um tempo Maria Teresa surge à porta esquerda alta. Paulo Maia vendo-a quando ela está junto dele.)* Pobre Maria Teresa! Coitada! Em que trabalhos se vê metida! Deve estar fatigadíssima.

MARIA TERESA *(Séria, firme, aparentando serenidade.)* Não.

PAULO MAIA *(Querendo levá-la para uma cadeira.)* Venha para aqui. Sente-se. Descanse um bocadinho.

MARIA TERESA *(Recusa num gesto. Depois com naturalidade.)* Perdoe-me, doutor. Que injeção deu ao Gonçalo?

PAULO MAIA *(Iludindo a resposta.)* Uma injeção calmante.

MARIA TERESA *(Sempre a olhá-lo.)* Morfina?

PAULO MAIA *(Com naturalidade.)* Sim. *(Sorrindo.)* Porquê? Não lhe parece indicado?

MARIA TERESA *(Depois duns momentos de reflexão.)* Em Santa-Ana calmavam-no sempre com brometos, em doses mais ou menos fortes, conforme o caso.

PAULO MAIA Sim. Está bem.

MARIA TERESA E, como nunca os vi recorrer à morfina, eu, que ando em permanente sobressalto, lembrei-me de que o doutor

pretendesse não apenas sossegar o doente mas prepará-lo para o levar.

PAULO MAIA Também não lhe parecia indicado?

MARIA TERESA *(Vendo que tinha razão.) Ah! (Senta-se na cadeira para onde o médico quis levá-la, e fica a reflectir profundamente.)*

PAULO MAIA *(Vindo até ela.)* Nós não vamos iniciar uma nova discussão, Maria Teresa. Seria de muito mau gosto, e mais uma violência exercida sobre os seus nervos. *(Indo buscar uma cadeira.)* Não. Não pode ser. *(Sentando-se ao pé dela.)* Temos de aceitar os factos com toda a sua brutalidade e de proceder como eles determinam, sem mais palavras. *(Maria Teresa não responde. Ele, ligeiramente impacientado.)* Eu não sei se a Maria Teresa mede bem o perigo em que estive e o perigo em que está, tendo demais a mais a seu lado uma pobre velha, incapaz de lhe acudir num momento grave. E esse momento avizinha-se. É, pelo menos, muito provável. Poupe-me por isso mais razões desnecessárias, e que chegam a parecer-me... pueris, depois do que se passou aqui esta noite. *(Pequena pausa.)* Bem, bem. Estamos de acordo?

MARIA TERESA *(Demora um pouco a resposta, mas responde serenamente.)* Estamos, sim, doutor.

PAULO MAIA *(Erguendo-se.)* Ora até que enfim!

MARIA TERESA *(Num sobressalto.)* Que vai fazer?!

PAULO MAIA Nada. Levantei-me apenas.

MARIA TERESA Quer levá-lo já?!...

PAULO MAIA Não. Temos de dar tempo a que a morfina actue. Depois é que não pode haver demoras, que serviriam só para tornar mais longo o seu tormento.

MARIA TERESA *(Reflectindo.)* Sim. É claro. *(Pausa.)* Eu posso acompanhá-lo?

PAULO MAIA Aonde?!

MARIA TERESA À casa de saúde.

PAULO MAIA Para quê?!... Valha-nos Deus! Pois se tem estado hoje tão razoável, que complicação é essa que surge agora?

MARIA TERESA Hei-de deixá-lo sozinho?!

PAULO MAIA E vai muito melhor, sozinho com o enfermeiro. Eu fico a fazer-lhe companhia, o automóvel volta a buscar-me, já nos traz notícias, e prometo ir por lá e tomar providências como se se tratasse de pessoa minha. Que mais quer?

MARIA TERESA *(Depois dum tempo de reflexão.)* Na casa de saúde, e tratado com todos esses cuidados, as melhoras virão muito mais depressa, não é verdade?

PAULO MAIA Há, pelo menos, outras condições de tratamento. Uma assistência permanente, imersões graduadas de que ele carece em absoluto...

MARIA TERESA *(Bebendo-lhe as palavras.)* Sim! Sim! . . .

PAULO MAIA *(Sem se interromper.)* ... teremos talvez de lhe fazer uma punção...

MARIA TERESA *(Ansiosa.)* E melhorará?...

PAULO MAIA *(Continuando sempre.)* Além de tudo está isolado, o que é necessário nestas afecções.

MARIA TERESA *(Enervada.)* Mas melhorará?... Ficará bom?...

PAULO MAIA Minha filha! E difícilimo tratar consigo!... Que quer que lhe diga? Há quem sustente que sim – que a cura destas doenças pode dar-se.

MARIA TERESA Ah!... Mas não é a sua opinião?!...

PAULO MAIA Que coisa horrível! Tortura-se propositadamente! Vamos fazer tudo o que se puder fazer. Pronto.

MARIA TERESA *(Que ficou uns momentos de olhos fixos, com voz entrecortada, mas pondo nas palavras uma inflexão terminante.)* Doutor!... Eu careço... absolutamente... de que o João fique bom..

PAULO MAIA *(Num encolher de ombros.)* Está bem.

MARIA TERESA *(No mesmo tom.)* Doutor! Eu tenho de casar com o João.

PAULO MAIA *(Que ia neste momento acender um cigarro, suspende sem o acender, fica de fósforo aceso na mão, e fixando-a.)* Porquê?!

MARIA TERESA (*Sucumbida.*) Doutor! A minha honra exige que esse casamento se faça.

PAULO MAIA (*Lentamente apaga o fósforo, vai deitá-lo no cinzeiro, dá uns passos serenos pela sala, pára, acende o cigarro, volta ao cinzeiro a pousar o fósforo, olha de lá Maria Teresa, e, vindo ao pé dela, com naturalidade.*) E exige-lho... urgentemente? (*Maria Teresa olha-o sem compreender.*) Sente-se mãe? (*Maria Teresa baixa a cabeça e não responde.*) De meses? (*Gesto afirmativo de Maria Teresa.*) Mais de dois? (*Gesto negativo de Maria Teresa. Ele, afastando-se e noutro tom.*) Minha querida amiga! Não me surpreende. A sua irritação caprichosa e excessiva, mesmo para as circunstâncias, já me tinha feito pensar nisso. (*Sentando-se longe.*) Mas tudo tem remédio, graças a Deus!... (*Pausa.*) Tudo, não. Há, pelo menos, duas coisas impossíveis.

MARIA TERESA (*Olhando-o do seu lugar e falando a medo.*) Quais?

PAULO MAIA (*Depois de soprar com naturalidade o fumo do cigarro.*) A cura do João e... e o prosseguimento do seu estado.

MARIA TERESA (*Erguendo-se de súbito.*) Como?!... (*Vindo ao pé dele.*) O prosseguimento do meu estado?!... Impossível?!... Porquê?!...

PAULO MAIA Oh! Não me suponha capaz de qualquer ideia grosseira. Amanhã conversaremos. É um novo aspecto das coisas, e, para mim, sem dúvida, o mais desagradável. Mas conversaremos amanhã e... (*ergue-se*) e verá, mais uma vez, que, em assuntos de medicina, só sei determinar-me por motivos científicos. Foram eles, auxiliados pelos factos, que a convenceram da necessidade de internar o João Gonçalo. Eles a convencerão também da impossibilidade de deixar nascer esta criança.

MARIA TERESA Como?!... Há razões que me convençam a mim de semelhante coisa?!...

PAULO MAIA Amanhã conversaremos.

MARIA TERESA Não, não, doutor! Tem de ser hoje!

PAULO MAIA (*Um pouco enfadado.*) Maria Teresa! Está no seu direito de se sujeitar a quantas violências entender. Mas, já não é por si, é por mim. Veja que me trata a paciência duma forma desapiedada.

MARIA TERESA Que quer, se a minha não me consente aguardar até amanhã... (*Irónica.*) essas razões científicas?

PAULO MAIA Valha-me Deus!... (*Sorrindo.*) Valha-me o seu Deus, que nem sequer tenho um Deus meu que me valha!... (*Pausa. Depois cheio de paciência.*) Está bem. Seja. (*Noutro tom.*) Hoje já não é segredo para si que aquela... anemia de que a trataram há anos, aquele estado de fraqueza profunda em virtude da qual a levaram várias vezes para a Suíça...

MARIA TERESA Era uma tuberculose. Sei.

PAULO MAIA De que se curou. Temos, portanto, que a Maria Teresa é uma tuberculosa cicatrizada – recentemente cicatrizada. Com o nascimento do seu filho a doença irromperia de novo, e num processo tão violento que a medicina não tinha forma de a dominar. Compreende-me agora?

MARIA TERESA Onde o doutor conclui?...

PAULO MAIA Que a sua maternidade não é possível e que é preciso intervir.

MARIA TERESA (*Contendo a custo a sua indignação.*) Sim. Era bem pensado. Abafávamos todo este escândalo.

PAULO MAIA Oh! Maria Teresa! Julga-me capaz de pensar no escândalo neste momento, e perante a gravidade do que lhe expus?!...

MARIA TERESA Verifico-o, o que é mais do que julgá-lo.

PAULO MAIA Maria Teresa! Ofende-me!

MARIA TERESA Mais me ofende o senhor, julgando-me capaz de matar um filho para salvar a vida.

PAULO MAIA Mas não é disso que se trata. Não me faça jogos de palavras. Não complique coisas tão simples – coisas que se dão todos os dias. Estamos em face dum caso de gravidez. A medicina intervém e constata a impossibilidade do seu prosseguimento. A mãe não é, no caso, mais do que um ser passivo que aguarda a sentença. Que raciocínios, que malabarismo de palavras pode levá-la agora a este novo capricho de defender um nascituro, um ser duvidoso e malfadado, contra si, contra a sua existência, contra a sua própria vida?! Mas é, em última análise, a apologia do suicídio!...

MARIA TERESA (*Enérgica.*) Não, que não praticarei o menor acto no sentido de morrer. Aceitando, com resignação, as consequências do meu estado, farei tudo o que for preciso, esgotarei todos os recursos para que me salvem, para que me salvem com ele, porque lhe

sou necessária, porque ele carece de mim, e porque tenho o dever sagrado de defender a minha vida. Mas mais sagrado é o dever de o defender a ele contra tudo, tudo, tudo – contra todas as doenças e contra tão extraordinários processos de as tratar! Não, doutor! Ninguém fez aqui a apologia do suicídio. Ouvi apenas fazer a apologia do assassinato!

PAULO MAIA Valha-me Deus! Que desvairamento! Que alucinação Maria Teresa! Pois não é evidente que salvar a mãe é salvar um valor mais forte, um ser existente, uma força positiva, que nos impõe o decidirmo-nos por ela?

MARIA TERESA A mãe é, neste mundo, exclusivamente sacrifício.

PAULO MAIA Sim. Para os filhos vivos, para os que carecem do seu martírio. Mas para um filho embrionário, chamemos-lhe mesmo uma hipótese...

MARIA TERESA Um filho é sempre o futuro.

PAULO MAIA (*Sacudido.*) Não há dúvida. Nascido de tal pai, com todas as taras que lhe ensombram a existência, quem não se decidirá contra a mãe, atendendo a que o filho é o futuro – um risonho, um risonhíssimo futuro?!... (*Passeia na sala.*)

MARIA TERESA (*Chocada com o argumento, domina o choro, mas não consegue ocultar a comoção. E, com voz magoada.*) - Risonho ou sombrio, bem ou mal predestinado, é o meu filho! Viverá! Há-de viver, se Deus quiser!

PAULO MAIA (*Compreende que foi brusco, e, vindo ao pé dela.*) – Tem razão. Estamos a antecipar juízos. Tudo isto são raciocínios precipitados. Depois se verá, Maria Teresa.

MARIA TERESA (*Após um silêncio de concentração e irrompendo de novo exaltadamente.*) - O que não compreendo é que se sacrifique uma criança, ainda mesmo mal gerada, para salvar uma mulher que nem sequer pode ser mãe!

PAULO MAIA Pois sim, minha filha! Está bem. Não prolonguemos mais o assunto. (*E vendo Domingos à porta esquerda alta.*) Está sossegado? (*Maria Teresa fica de queixo fincado no punho, alheia ao que se possa.*)

DOMINGOS Adorreceu.

PAULO MAIA Bom. É preciso levá-lo. (*Caminha para a porta do quarto.*) Tem dúvida em ir só com ele, Domingos?

DOMINGOS Prefiro levá-lo só.

PAULO MAIA (*Já à porta do quarto, olhou para dentro, vê Mónica a chorar, e voltando-se para o enfermeiro em tom agastado.*) Por que chora aquela mulher?

DOMINGOS Compreendeu que vamos levar o doente.

PAULO MAIA (*Noutro tom.*) Chegue lá abaixo à estrada, Domingos. Diga ao *chauffeur* que esteja a postos, com o carro junto do portão e o motor a trabalhar. É preciso largar logo, para evitar espectáculos na vizinhança.

DOMINGOS Sim, Senhor Doutor. (*Sai pela varanda.*)

PAULO MAIA (*Descendo até Maria Teresa.*) Em que pensa? Que mais estará a pensar esta cabecita tumultuosa, que não sossega um minuto?

MARIA TERESA Em que o meu filho viverá, e que hei-de viver com ele, porque já não é só o meu filho!... Vai ser também a minha expiação.

PAULO MAIA A sua expiação! Outra palavra sonora, das que se inventaram só para complicar. A sua expiação! (*Aproximando-se.*) De quê? De que mal? De que culpa?

MARIA TERESA (*Cortando rápido.*) Da culpa de o ter concebido criminosamente. Porque não é agora que eu sou criminosa. Agora pretendo apenas evitar um novo crime.

PAULO MAIA (*Risonho.*) Os crimes estão todos previstos no Código Penal, que não tem nada que ver consigo, nem comigo.

MARIA TERESA Sim. Talvez. Assim deve ser para as consciências que se satisfazem com essa impunidade. Para a minha, não.

PAULO MAIA (*Acentuando bem.*) Pois para a minha sim. (*Pequena pausa. Outro tom.*) Falemos linguagem simples, Maria Teresa. Busquemos, não a sonoridade dos termos, mas o esclarecimento dos factos. Os factos que nos dizem? Que não estamos em face duma questão de direito, mas dum caso vulgar de medicina. Eu vejo diante de mim um organismo que não pode levar a bom termo a sua gestação. E nem tenho que ver mais nada. A Maria Teresa vê a sua moral, a sua honestidade e os seus princípios religiosos agravados por uma forma que as circunstâncias não

permitem reparar. Mas qual a utilidade de punir tal facto com a pena de morte para a mãe, e a pena de vida para o filho, pena de vida porventura mais triste de cumprir? (*E vindo mais perto dela.*) Nem a ciência, nem a raça, nem os mais elementares deveres de humanidade lhe agradeceriam o sacrifício, Maria Teresa acredite.

MARIA TERESA Era antes que eu tinha de ponderar os argumentos da ciência, e os da raça, e os da humanidade. Agora o meu único dever é ser mãe, contra todos os riscos e contra todos os sofrimentos. Ser mãe! ser mãe! Ser mãe!

PAULO MAIA Ah! Sim! Assim compreende-se. Como simples teimosia.

MARIA TERESA E nunca a minha teimosia se ergueu tão alto como no momento de repudiar o salvo-conduto que me punha de novo na vida, livre de todas as culpas, e de novo em condições de ser feliz! Feliz, sim. por que não? Pois não sabe a ciência, num só golpe, dissipar todas as nuvens do futuro (*Morcando bem.*) e destruir os vestígios do passado?! (*Paulo Maia tem um ligeiro sorriso.*) Não! prefiro uma outra ciência que me manda subir o meu calvário, expiar nele todas as minhas culpas, remir nele todos os meus pecados, pelo sofrimento, pelo martírio e pela dor.

PAULO MAIA Tudo isso é bonito, sim... Acho apenas que se julga com demasiada severidade. A ciência, a ciência de que a Maria Teresa tão mal diz e que tão mal trata, compreende, e explica, e perdoa com mais benevolência as culpas da humanidade. Não perdoa em absoluto, é claro. Mas estuda-as, busca-lhes as determinantes, não julga de olhos vendados. (*E aproximando-se.*) Que série de leis psicológicas e que estranha combinação de circunstâncias a trouxeram a esta situação, Maria Teresa?!

MARIA TERESA Trouxe-me aqui exclusivamente o meu orgulho, a minha soberba, o despotismo da minha vontade.

PAULO MAIA Que não são culpa sua. É a Maria Teresa mesmo quem o diz.

MARIA TERESA Mas que a minha religião condena como fonte de todo o mal. Vim soberba de mim, segura de mim, cega da minha força! Expus-me ao perigo! Afrontei-o! Essa cegueira orgulhosa tinha de me perder. (*Sentando-se junto da mesa.*) E perdeu.

MÓNICA (*Surge à esquerda alta. Traz uma mala de mão. Vem chorosa e mal-humorada.*) Esta roupinha ao menos... e uns precisos... (*Com a voz embargada pelo choro.*) enquanto não se trata de tudo melhor... (*Pousa a mala no chão e limpa as lágrimas a um lenço já encharcado.*)

PAULO MAIA *(A Mónica)* Continua a dormir? *(Mónica diz que sim, com a cabeça, sem poder falar. Paulo Maia vai à porta do quarto, olha para dentro e voltando a Mónica.)* Sim. Isso pode pôr-se no automóvel. *(Mónica pega na mala e sai pela varanda. Paulo Maia desce até Maria Teresa.)*

MARIA TERESA *(Num ímpeto.)* Doutor! Doutor! Diga-me que o meu filho nascerá perfeito e que será sadio. Eu não peço mais nada.

PAULO MAIA Não sei. A medicina para ele tem recursos. Pode ser tratado desde já. Atenua-se-lhe a infecção. Agora quanto a si, Maria Teresa, é que não vejo nada. A minha previsão por si é muito grave.

MARIA TERESA Mas ele, ele?!... Nascerá bom, com saúde *(Comovida.)*, perfeito?!...

PAULO MAIA Não é impossível.

MARIA TERESA *(Prendendo-o pela gola do casaco.)* – Diga-me que sim!

PAULO MAIA Não é impossível, repito.

MARIA TERESA Mas eu não peço mais nada! Mas eu não quero mais nada! Quero só a saúde dele. *(Erguendo os mãos.)* Oh! meu Deus! Permite que sim!... *(E logo a Paulo Maia.)* E o doutor vai tratá-lo muito, não vai? *(Gesto afirmativo de Paulo Maia.)* Muito, muito, muito?!... *(Novo gesto afirmativo. Maria Teresa abraça-o. Cai-lhe a chorar no ombro. Longa pausa.)*

GONÇALO *(Aparece à porta do quarto. Vem de pijama de fazenda escura. Os seus passos são vacilantes. Ar ensonado. Vê da porta Maria Teresa abraçada ao médico, passa as mãos pelos olhos, vê melhor, corre a uma cadeira e levantando-a.)* Miserável!... *(Vai descarregar sobre o grupo, Domingos, que surge na varanda, arranca-lhe a cadeira e segura-o pelas costas. Ele lutando sempre.)* Miserável!... *(Paulo Maia corre para o fundo a ajudar o enfermeiro. Gonçalo luta sempre. A luta é poderosa. Querem levá-lo para o quarto. Gonçalo firma os pés na parede. Não conseguem.)*

PAULO MAIA *(Com intimativa.)* Para o automóvel. Já.

GONÇALO *(Levado para o fundo, a Maria Teresa, ao sair da porta.)* Maldita seja!...

MARIA TERESA (*De joelhos para ele.*) Não!... Não!...

GONÇALO (*Ao passar, na varanda, pela janela da esquerda fundo.*) Maldito seja o teu ventre!... Miserável!...

MARIA TERESA (*Transida de pavor e em gritos.*) Não! Não!... Não!... Não!...

GONÇALO (*Nos bastidores.*) Miserável!... Miserável!... Miserável!...

TERESA (*Com a voz estrangulada na garganta.*) Não!... (*Cai de braços, voltada poro o fundo, a chorar perdidamente.*)

PANO.

ACTO TERCEIRO

Decorreram meses. Estamos na mesma casa, na mesma sala, e é a mesma, aproximadamente, a disposição em todas as coisas. Há a mais, entre as duas portas da direita, uma mesa sobre a qual se vêem garrafas, medicamentos, um biberão etc. Na varanda, em frente da janela direita-fundo, várias peças de roupa de criança penduradas a secar. É de tarde, quase à noite.

Ao subir do pano Mónica anda a recolher a roupa na varanda. Pouco depois, quando ela está a concluir, surge Paulo Maia pela direita-baixa, a limpar as mãos a uma toalha. Logo após ele Maria Teresa. Mónica passa da varanda para a porta direita-alta, com a roupa num braçado.

- MARIA TERESA (*vendo-a*) Mónica! Venha para o pé do menino.
- MÓNICA (*solícita*) Sim, minha senhora. Venho já. (Sai apressada pela direita alta a pousar a roupa. Paulo Maia, pensativo, continua a limpar as mãos lentamente, e sem se dar bem conta do que faz.)
- MARIA TERESA (Depois dum silêncio angustioso) Diga tudo, doutor. Não quero que me iludam. Quero saber tudo.
- PAULO MAIA (Remexendo a toalha nas mãos para iludir movimentos) Que hei-de eu dizer?...
- MARIA TERESA A verdade completa e nem sequer cautelosa. Nada que me deixe dúvidas sobre o verdadeiro estado do meu filho.
- PAULO MAIA Bem vê, Maria Teresa! Nós... (Vacila. Mónica entra pela direita-alta, acende a luz e dirige-se à direita-baixa. Paulo Maia entrega-lhe a Toalha, quando ela vai a passar, e depois de lhe dar tempo a sair.) O seu filhinho está entregue a um médico da especialidade.
- MARIA TERESA (*Cortando rápido.*) A seu pedido. Foi o doutor quem o trouxe...
- PAULO MAIA Sim, Maria Teresa! Mas o que eu quero dizer é que a minha visita hoje não é espontânea. Ele procurou-me. Foi falar comigo.
- MARIA TERESA (*Assustada.*) Foi?!... porquê?!... Que lhe disse?!... (*Pequena pausa. Transição.*) É uma criatura insuportável! Não se lhe arranca uma palavra clara. Ora me tira todas as ilusões, ora me prende a um novo fio de esperança!.. Não, não! Com o doutor é que eu me entendo. E quero saber tudo.
- PAULO MAIA (*Sempre contrafeito.*) Ele diz que... que é sempre difícil falar com as mães, e então quando a mãe jogou, conscientemente, a sua vida pela do filho, custa muito mais revelar-lhe...
- MARIA TERESA Que esse filho está perdido?!... (*Silêncio de Paulo Maio.*) É o que ele lhe foi dizer?!... (*Gesto afirmativo do médico.*) E é também o que o doutor pensa?!...

PAULO MAIA Eu, minha filha, penso-o desde o primeiro dia. Desde a hora em que ele nasceu. E até já antes. Sempre lho disse, por descargo de consciência.

MARIA TERESA *(Fica-se um momento ensimesmada e depois com falsa resignação.)* Está bem. *(Deambula inquieta. Pára. Depois num desabafo.)* E por que não mo disse ele a mim?!... Passou aqui a manhã... Sempre o mesmo, retraído, impenetrável, todo voltado para dentro, sacudido, seco, brusco!... Ah! Não posso, não! Não posso tolerar semelhante criatura! *(Suspende-se a reflectir e noutro tom.)* Mas a tarde tem corrido bem. Eu sinto-o melhor... *(Olhando o médico com expressão apavorada.)* Ou será que a morte já mo esteja a aquietar?!...

PAULO MAIA *(Frouxamente.)* Não. Pode durar ainda.

MARIA TERESA Muito?!...

PAULO MAIA Dias, semanas... Que sei?!... A resistência das crianças excede por vezes todas as previsões clínicas.

MARIA TERESA *(Como que esperançada.)* Sim, sim!...

PAULO MAIA Mas, em casos destes, quanto mais o organismo resiste mais prolonga, inutilmente, o sofrimento.

MARIA TERESA Inutilmente?!... *(Transição. Esboça um sorriso de esperança.)* Ora!... Quem sabe?!...

PAULO MAIA *(Quebrando-lhe as ilusões.)* Oh!... *(Noutro tom.)* Enfim, Maria Teresa! Preciso de concluir. O meu colega, em cuja competência profissional confio absolutamente, debateu-se hoje aqui num caso grave de consciência. A Maria Teresa não deu por isso, não o compreendeu. Estas coisas morrem sempre connosco. Ninguém as calcula, ninguém as vê. Mas tem horas duma angústia cruel, a nossa triste profissão!*(Pequena pausa. Noutro tom.)* As crises convulsivas que o seu filhinho principiou a fazer, vão repetir-se amiudadas vezes.

MARIA TERESA *(Muito confrangida.)* Ah! não! Isso não!

PAULO MAIA Assim é, Maria Teresa! E são dum sofrimento sobre-humano.

MARIA TERESA Oh! meu Deus!... Meu Deus!...

PAULO MAIA Digo-lho, porque tenho de lho dizer. (*Noutro tom.*) Ora... o primeiro dever dum médico é prolongar o mais possível a vida do doente.

MARIA TERESA (*Olhando-o com estranheza.*) Sim. É o único.

PAULO MAIA Ninguém calcula, por isso, a nossa amargura quando, em casos como este, por exemplo, se nos depara o momento de enveredar por uma de duas terapêuticas diferentes.

MARIA TERESA (*Com estranheza crescente.*) Quais?!

PAULO MAIA Prosseguir a frio no tratamento inútil e desapiedado... (*Maria Teresa olha-o ansiosamente*) ou dividir a atenção pelo tratamento e pelo martírio do doente, pondo especial interesse em atenuá-lo quanto possível.

MARIA TERESA Com prejuízo do tratamento?!

PAULO MAIA (*Vacilante.*) Não. Reconhecendo apenas a nossa impotência para o levar mais longe por forma prática.

MARIA TERESA Oh!...

PAULO MAIA Esta última solução é a mais piedosa. E adopta-se muita vez. Não provocamos a morte, compreenda-me bem. Não. Cruzamos um pouco os braços, pela inutilidade da luta, colaborando de certa maneira com o padre, que vem trazer os últimos narcóticos à consciência dos moribundos. Quanto às famílias, poupam-se, geralmente, a estas revelações. Procedem-se e pronto. Mas com a Maria Teresa o caso é diverso. A Maria Teresa tem um carácter muito seu, que nos entrava por vezes a iniciativa.

MARIA TERESA Sim. Tem de ser muito estranho o meu carácter, porque, não só pasmo de que haja médicos que procedam dessa maneira' mas até de que me venham falar nisso!

PAULO MAIA Alguma razão poderosa deve existir para que eu o faça, Maria Teresa.

MARIA TERESA (*Desdenhosa.*) E qual, se faz favor?

PAULO MAIA (*Depois dum tempo.*) Discorda então absolutamente de que poupemos ao seu filhinho mais tormentos?

MARIA TERESA À custa duma hora de vida que seja, discordo em absoluto.

PAULO MAIA Pois bem. O médico assistente pede-lhe, nesse caso, que, ainda que o seu filho caia de novo em convulsões e o veja sofrer horrores, não faça uso do remédio que receitou esta manhã.

MARIA TERESA O quê?... *(Corre à mesa dos medicamentos e pegando num frasco.)* Este remédio?! ... *(Vê o rótulo e numa grande concentração de raiva.)* É assombroso!... *(Depois, com o frasco na mão, caminhando enérgica para Paulo Maia.)* Mas de que lado mais surgirão os atentados contra a vida daquela pobre criança?!... Que mal fez ela?!... Por que se conluiaram todos contra o meu filho e contra mim?!... *(Consome-se muito.)*

PAULO MAIA Agora um pouco por caridade, Maria Teresa.

MARIA TERESA Mas matem-me, então! Matem-me a mim também, que sofro ao lado dele uma dor maior do que a dele, e, se a dele é sem remédio, uma dor sem remédio, como a dele!

PAULO MAIA Não se trata de matar ninguém, minha filha!

MARIA TERESA *(Erguendo-se acusadora.)* Trata-se de cruzar os braços de desistir, de confessar insuficiência para ir mais longe, e ciência, muita ciência, ciência infalível apenas para decretar a morte!

PAULO MAIA Como entender. Digo-lhe só que compra muito cara cada hora que o seu filhinho viver a mais.

MARIA TERESA Pois não vacilo um momento. *(Vai ao fundo e despeja o frasco da varanda.)*

PAULO MAIA *(Quando ela volta.)* -É uma crueldade! Chega a não se compreender! E nem a Maria Teresa sabe bem o que fez.

MARIA TERESA *(Enfrentando-o e crescendo sucessivamente em calor.)* Sei. Sei muito bem que na hora grave do nascimento era eu a mais condenada e ele, que já vinha tratado de longe, quem menos cuidados lhes merecia. Sei que tudo sucedeu ao avesso de todas as previsões. Sei, por isso, que o juízo dos homens é falível, e que, se se engana quando prevê, pode enganar-se quando cruza os braços. Mas pensemos que não é assim. Admitamos que a salvação do meu filho era humanamente impossível. Sei então que a minha fé não tem limites! Que cada hora mais que ele sofrer e viver, a vive e a sofre porque Deus lha concedeu! Que, dessa hora, basta um segundo para que a suma bondade divina se lembre dele e de mim e todos os impossíveis da Terra se desfazem, e o meu filho rirá no meu colo, e eu chorarei a estreitá-lo nos braços, e ele será o mais sadio dos homens, e eu serei a

mais feliz das mulheres mães!... Isto quer dizer, doutor, que creio, que tenho fé, que tenho esperança, que tenho Deus!...
(*Transição.*) Sei portanto muito mais do que os senhores.

PAULO MAIA Era absolutamente incapaz de lhe dizer, neste momento, que não.

MARIA TERESA (*Sacudida.*) Faz bem. (*Depois, como quem se lembra de repente, num sobressalto.*) Mas, doutor! Se o meu filho não pode tomar aquele remédio, vai ficar esta noite sem tratamento!...

PAULO MAIA Não. Conferenciei com o médico assistente. Eu mesmo receitarei.

MARIA TERESA (*Carinhosa e suplicante.*) Ah! bem, doutor! E vamos trabalhar, lutar até à última, sim? Ajudem-me a defendê-lo até ao último momento!... (*Transição rápida. Como quem se lembra de repente.*) Ai!... (*Pausa*) que horas são?!

PAULO MAIA (*Consultando o relógio.*) Nove horas.

MARIA TERESA Valha-me Deus!... (*Indo à porta do quarto do filho e chamando a meio tom.*) Mónica! (*Mónica aparece pouco depois. Maria Teresa falando perto dela.*) Prepare-se para ir à farmácia. Se já estiver fechada, bata. É preciso hoje, sem falta, um remédio que o Senhor Doutor vai receitar. (*Passa para o lado da porta, espreita para dentro e voltando-se para Mónica.*) Ele tem continuado sempre sossegadinho, não tem?

MÓNICA Tem estado sempre a dormir.

MARIA TERESA (*Olha de novo para o quarto, volta-se de lá para o médico e a meia-voz.*) Um minuto. Desculpe. É só o tempo de o ver. (*Sai pela direita baixa.*)

MÓNICA (*Vindo ao lado de Paulo Maia, que se sentou.*) E o meu menino, Senhor Doutor? Continua a melhorar?

PAULO MAIA Muito, Mónica! Já não parece o mesmo. Não faz ideia.

MÓNICA (*Risonhíssima.*) A ultima vez que lá estive ele já falava tão bem!... (*Transição. Muito triste.*) A senhora é que parece que nem se lembra dele! Faz-me tanta pena!...

PAULO MAIA Pois está óptimo.

MARIA TERESA (*Entrando.*) Quem?

PAULO MAIA (*Levantando-se.*) João Gonçalo.

MARIA TERESA Ah!... (*E logo a Mónica, impaciente.*) Vá, Mónica, vá arranjar-se. (*Mónica cruza um olhar inteligente com Paulo Maia e sai pela direita alta, sem dizer uma palavra. Maria Tereso, ao médico, depois de ela sair.*) Está óptimo, disse o doutor?

PAULO MAIA Está a fazer uma segunda remissão curiosa. Conversa com uma lucidez perfeita, argumenta, discute, recorda o seu estado anterior, classificando ele próprio de ridículas e absurdas todas as suas concepções delirantes de grandeza. Desapareceram os embaraços de linguagem, os trémulos, mantém toda a sua altivez... Dir-se-ia uma pessoa perfeitamente normal. Só a recordação do filho o exalta e alucina, dando-lhe momentos de grande excitação. E, sem argumentos, sem razões, sem uma acusação concreta, não permitindo sequer que ninguém procure dissuadi-lo, cai nas ameaças mais grosseiras, rumina vinganças e declara esta preocupação monomaniaca a sua única razão de existir.

MARIA TERESA Pobre João! É bem pesada também a sua cruz. (*Transição.*) Não quer receitar, doutor? (*Indicando-lhe o porta esquerda baixa.*) Tem aí tudo, nesta saleta. Fiz dela um escritorzinho, porque aquele quarto (*indica a direita baixa*) me pareceu mais soalheiro e arejado para o meu filho. Entre, doutor. Entre e... perdoe-me mais um minuto. (*Paulo Maia entra. Ela falando para o escritório.*) Venho já. (*Vai ao quarto do filho, demora-se uns instantes e surge de novo atravessando a cena para o escritório, onde desaparece. A sala fica um tempo vazia. passado esse tempo Gonçalo Vaz aparece na varanda, em atitude açodada, chapéu mole carregado na cabeça, fato escuro, bom, mas vestido descuidadamente. Espreita pela janela esquerda fundo, salta o peitoril com facilidade, caminha cauteloso sté meio da cena, e, parecendo-lhe ouvir vozes da esquerda baixa, dirige-se para lá em bicos de pés. Foge, porém, de súbito, antes de espreitar, indo esconder-se no seu antigo quarto esquerda alta. A porta da esquerda baixa abre-se, surgindo por ela Paulo Maia, seguido de Maria Teresa.*)

PAULO MAIA (*Como quem continua uma conversa.*) Sim. De duas em duas horas. E eu amanhã cá venho com o meu colega. (*Ouve-se longe a sireia dum automóvel.*)

MARIA TERESA (*Indo chamar à direita alta.*) Mónica!

- MÓNICA *(Que vem de lenço no cabeça e xale pelos ombros.)* Pronto, minha senhora.
- MARIA TERESA *(Entregando-lhe o receita.)* Bata, que abram, que tenham paciência, porque é um caso urgente.
- MÓNICA Sim, minha senhora. *(Sai pelo fundo e depois, já na varanda, em frende da janela da esquerda.)* Vem um homem a correr. Parece o Domingos, o enfermeiro do hospital.
- PAULO MAIA *(Que foi à janela.)* É ele, não há dúvida. *(E falando para longe.)* Que foi, Domingos?
- DOMINGOS *(Chegando ao pé da janela.)* O Senhor Gonçalo. O Senhor Gonçalo Vaz. Fugiu.
- PAULO MAIA O quê?!...
- DOMINGOS *(Entra e muito cansado.)* Demos por falta dele ao recolher. Receei que tivesse vindo para aqui. E cá virá ter, com certeza.
- PAULO MAIA *(Irritado.)* Mas que cuidados e vigilâncias são esses no manicómio?!
- DOMINGOS Amanhã buscarei apurar todas as responsabilidades. Agora trouxe gente no automóvel e vamos rondar a casa toda a noite.
- PAULO MAIA Maria Teresa! Feche tudo e fique tranquila. Eu mesmo vou dirigir os trabalhos de vigilância. *(Principia ele próprio a fechar as janelas do fundo.)*
- MARIA TERESA Obrigada, doutor. Estou serena. *(Depois a Mónica, que voltou dentro.)* Mónica! Esqueceu-se do remédio!...
- MÓNICA *(Vacilante.)* – Mas...
- MARIA TERESA *(Irritada.)* Vá, criatura! Não perca tempo. Que coisa!...
- PAULO MAIA *(Depois de fechar as janelas, vindo ao pé de Maria Teresa.)* A janela daquela sala estava aberta. *(Indica o esquerda baixa.)*
- MARIA TERESA Sim, doutor. Vou percorrer a casa toda. Boa noite *(Saem todos. Maria Teresa, ficando só, fecha o porto ao fundo. Vai depois à saleta da esquerda baixa para fechar a janela. Mal a cena fica vazia, Gonçalo aparece à esquerda alta. Vem ainda de chapéu na cabeça e ar taciturno. Avança até meio da cena, tira o chapéu, pousa-o na mesa serenamente e aguarda o regresso de Maria*

Teresa. Esta surge pouco depois. Vendo-o, recua apavorada, mas procura logo correr para o fundo.)

GONÇALO *(Cortando-the a passagem.)* Eh!... *(Maria Teresa vem então, pela frente, colocar-se diante da porta do quarto do filho. Gonçalo, tranquilamente.)* Não penses mais em aproximar-te daquela porta. *(Indica a porta do fundo. Depois dando um passo para ela.)* Não penses mais em fazê-lo, nem em elevar a voz numa palavra, uma que seja. Ninguém aqui fala mais alto do que eu, que estou sereno. *(Ligeiro riso de escárnio.)* Sereno e seguro. *(Muito sisudo.)* As circunstâncias tinham um dia de favorecer-me. Cá estamos sós. *(Mais perto.)* Sós!... Chegou a hora de liquidação de contas. *(Ri de novo e ficando logo sisudo.)* O teu filho? *(Pequera pausa.)* Onde está o teu filho?!

MARIA TERESA *(A medo.)* O nosso filho.

GONÇALO *(Ergue os punhos cerrados para ela, mas domina-se e com relativo calma.)* O teu filho, filho do homem que há pouco saiu daqui!...

MARIA TERESA *(Sempre tímida.)* João! Ofendes-me!

GONÇALO Filho do homem que introduziste nesta casa, ludibriando a minha boa-fé... de pessoa doente.

MARIA TERESA *(Um pouco mais animosa.)* É falso! É falso!

GONÇALO *(Com mais calor.)* Do homem que eu proibi de cá voltar, que me entonteceu com injeções e nos braços de quem vim encontrar-te.

MARIA TERESA *(Numa súplica.)* João!...

GONÇALO Aí, nesse mesmo sítio em que estás agora! Abraçados os dois! Também é falso?!

MARIA TERESA João! É um médico! Um velho amigo de família!...

GONÇALO Sim. O amigo de família, o que está mais à mão, o favorável; o amigo de família que se abraça... *(Mais perto e rancoroso.)* e nos braços de quem chafurda e se espolinha a baixeza das fêmeas miseráveis.

MARIA TERESA *(Altivíssima, erguendo-se num ímpeto e em voz muito elevada.)* Basta, João! por Deus!...

- GONÇALO *(Deita-lhe o mão a um ombro e dobrando-a.)* Hem!... *(Olha para o fundo. Depois falando-lhe perto do ouvido e em tom ameaçador.)* Baixinho!... Muito baixinho!.. *(Pequena pausa. Noutro tom.)* Vai lá buscar o teu filho.
- MARIA TERESA *(Outra vez tímida.)* Sim, João!... *(Pretende aproximar-se, carinhosa. Ele recua. Ela insistindo e pousando-lhe as mãos no ombro.)* Mas tens de ouvir-me primeiro. A verdade, que anda sempre dentro de mim, tem a certeza de te convencer.
- GONÇALO *(Friamente.)* Quero aqui o teu filho!
- MARIA TERESA Atende um momento!... Atende-me um momento, por amor de Deus, João! *(Gonçalo sacode-a e senta-se junto da mesa central, dominando a custo os nervos. Maria Teresa ajoelhando-se-lhe aos pés.)* Busca na tua recordação o ardor com que fui tua! Busca lembrar-te que tormento foi, para mim, essa fraqueza! Como toda a minha dignidade, toda a minha pureza se confrangia na consciência do mal... sem saber resistir-te!... Que rolámos no abismo inevitável, e os meus beijos foram fogo na tua boca, e ardi num inferno de paixão!... *(Pequena pausa. Noutro tom.)* Perdoe-me Deus semelhantes recordações, mas que elas te digam bem alto que não se pode ser assim senão dum homem! Um só, em toda a vida! *(Erguendo as mãos.)* Castigue-me o Céu pelo mal que pratiquei, e bem o tem feito, mas não sejas tu... *(Procurando-lhe as mãos.)* tu, meu tormento e meu pecado!, quem me venha insultar, e quem me acuse, porque a resignação com que sofro em penitencia os castigos divinos, sempre justos... *(Levantando a voz.)* ergue-me toda para te gritar que mentes! que mentes!... *(Chorando.)* Mentes! Mentes!...
- GONÇALO *(Tapando-lhe a boca, já mais comovido.)* Baixinho! Muito baixinho!...
- MARIA TERESA *(Obedecendo.)* Sim, sim, João! *(E falando muito baixo.)* O meu crime és só tu! Tu só!... E prouvera a Deus que não o fosses, que então não tinha nenhum, e a nossa obra de miséria não seria o tormento a que vivo amarrada!...
- GONÇALO *(Olhando-a muito e muito enternecido.)* Por que não foste nunca visitar-me?
- MARIA TERESA *(Num protesto.)* Tu nunca me quiseste receber!... Quantas vezes bati àquela porta! Em que prantos amargos me desfiz ao ouvir os teus gritos, alucinado, só pela notícia de que era eu e queria verte?!... *(Chorosa.)* Voltava, como um trapo, confrangida, e, enquanto tu lá sofrias – sim, João!, porque tens sofrido muito!... –

, o que eu sofria cá, nem o supões!... *(Chora. Depois noutra tom.)*
É que pagamos ambos grandes culpas!

GONÇALO *(Num pasmo.)* Quais são as minhas?!

MARIA TERESA *(Bondosa.)* Não as vês?

GONÇALO A de te ter dedicado a vida inteira?! A de te querer, desde criança, como quis, atravessando os mares para merecer-te?!

MARIA TERESA Merecer-me?! Repudiei-te, porventura?! Não te pedi ardentemente que ficasses?!...

GONÇALO Repeliram-me os teus pais, porque era pobre.

MARIA TERESA Chorei ao pé de ti para que não fosses! E nada te prendeu! Estavas cego de orgulho e de ambição! Oiro! Oiro! Era o teu sonho!... No fundo concordavas com os meus pais. Vias nele a felicidade conjugal! E partiste!... *(Mais baixo e mais perto.)* E perdeste a saúde em vis misérias! A saúde! A felicidade conjugal que eu te pedia! Oiro! Oiro puro que dissipaste, bem melhor do que o oiro que trouxeste! Foi o teu mal, essa ambição, essa soberba! E castigou-te Deus!... Confundi-te a razão em sonhos de oiro...

GONÇALO *(Comovido.)* Sim, sim! Talvez. *(Depois abraçando-a)* Mas tu, se assim sofrias, qual era a tua culpa, meu amor?

MARIA TERESA *(Desprendendo-se-lhe dos braços e erguendo-se.)* Tenho mil.

GONÇALO Tu?!... Tu, Maria?!... Quais?!..

MARIA TERESA Fui soberba mil vezes mais do que tu. *(E com os olhos perdidos no espaço.)* Medito, medito aqui, nas minhas noites de tortura e vejo-me toda! Vejo todo o meu passado! *(Ele ergue-se. Ela olhando-o.)* No conflito com meus pais, por tua causa, nunca tive um segundo de humildade. E convencia-os, se o tivesse tido. Mas eu era insubmissa e arrogante. Os meus olhos não se voltam para dentro. Vêem só o mal dos outros. E acusei-os, castiguei-os sem piedade, pelos seus males, eu, a orgulhosa, a soberba, duma virtude imaculada... que se desfez aqui nas tuas mãos! *(Em voz sumida.)* Oiro! Oiro puro, o da virtude!... A herança que eu tinha para os meus filhos!... *(Chora. Gonçalo abraça-a. Depois procura beijá-la, beijar-lhe a boca. Ela, recasando-se e desprendendo-se.)* Não! Não!...

GONÇALO *(Surpreendido.)* Não me deixas beijar-te?!

MARIA TERESA Nunca mais!

GONÇALO E queres-me, dizes tu?!

MARIA TERESA Sim. Quero!...

GONÇALO (*Num novo acesso.*) Ah!... Compreendo! É tudo astúcia! É tudo fingimento! Pretendes criar tempo, e nada mais.

MARIA TERESA (*Muito aflita.*) Não, não! Não é!...

GONÇALO Compreendo! Esse homem, que aqui está sempre, voltaria. Esse homem que me conserva sequestrado! Que me mantém preso, hoje, que já estou bom!.. (*Ri.*) Podia vir estorvar-vos, hã?!... Não é?! (*Está exaltadíssimo.*)

MARIA TERESA João! João!...

GONÇALO Pois que venha! Encontrará a minha obra. (*Correndo para ela.*) O teu filho?! Dá-me o teu filho!... Não dás?! Vou eu procurá-lo! (*Ri.*)

MARIA TERESA (*Tentando segurá-lo.*) Não! Não! (*Vendo que não consegue, num rasgo decisivo.*) Pois bem! (*Corre à porta do escritório.*) Está ali. (*Põe-se em frente da porta.*) Atreve-te a passar!...

GONÇALO (*Acreditando que o filho está lá dentro.*) Ah!... (*Avança para ela, derruba-a, entra no escritório.*)

MARIA TERESA (*Logo que ele entra, fecha-o à chave e corre para o fundo a gritar.*) Socorro! Socorro!... (*Abre a porta da varanda e grita fora.*) Socorro! (*Ouve-se bater na porta esquerda baixa para a arrombar. Pelo fundo entra Domingos, com dois homens. A porta esquerda baixa cede, caindo no soalho. Gonçalo avança sobre ela.*)

DOMINGOS (*Que o aguarda cara a cara.*) Eh!... (*Gonçalo sucumbe ao vê-lo. Paulo Maia entra neste momento e segura Maria Teresa, que desmaiou. Domingos a Gonçalo.*) Venha! (*Mais forte.*) Venha!... (*Gonçalo, que mediu com os olhos os três homens, obedece rancoroso e devagar. Caminha até à mesa, toma o chapéu bruscamente, olha o médico, tem um ímpeto, mas é logo cercado e levado pelo fundo, pelos dois homens.*)

PAULO MAIA (*A Domingos.*) Aquele frasco. (*E quando ele vai a pegar num dos frascos que estão na mesa da direita.*) Não, não. O outro. (*Domingos traz-lho. Paulo Maio dá-o a cheirar a Maria Teresa.*)

Esta principia a voltar a si quando Mónica entra apressada e aflita, com o remédio na mão.)

MARIA TERESA *(Abre os olhos, olha em volta e muito estranha.)* Filho!... *(Passa a mão pelos olhos e olhando a sala de novo, mais alto.)* Filho!... O meu filho?!...

PAULO MAIA Está ali.

MARIA TERESA *(Sempre muito estranha e numa crescente crise de histeria.)* Onde?...

PAULO MAIA *(A Mónica.)* Vá buscá-lo.

MARIA TERESA *(Mais alto. Quase a gritar)* Aonde?! *(Mais alto ainda.)* Aonde?!...

PAULO MAIA Ali. *(Depois a Mónica que surge à direita baixa com a criança.)* Traga.

MARIA TERESA *(Num grito destemperado.)* Onde está o meu filho?!...

MÓNICA *(Mostrando-lho.)* Aqui.

MARIA TERESA *(De olhos esgazeados, fixos no espaço.)* Vivo?!...

PAULO MAIA Vivo, sim.

MÓNICA *(Pondo-lho no colo.)* Está vivo, sim, Veja.

MARIA TERESA *(Tacteia-o, sem olhar. Baixa depois os olhos pouco a pouco, sempre a medo, pousando-os por fim no filho, que em seguida olha ansiosamente. Busca vê-lo ainda mais de perto, e, numo explosão de alegria.)* Vivo!... *(Ri nervosa, beija-o, enternece-se, choro, e com a voz estrangulada de alegria e choro.)* Vivo!... Vivo!... *(Beija-o muito comovida, e erguendo-o alto, nos braços, numa exaltação súbita.)* Vive enquanto Deus quiser!... *(Estreitando-o nos braços.)* Meu lindo filho!... *(Beija-o outra vez, embala-o, passeia-o na sala, desorientada, cantando com uma voz plangente para o adormecer.)* Hã... hã... hã... hã...

E o canto prolonga-se até cair o

PANO.